

Autora Multipremiada • Bestseller Internacional

**KIRAN MILLWOOD
HARGRAVE**



**V
A
R
D
Ø**

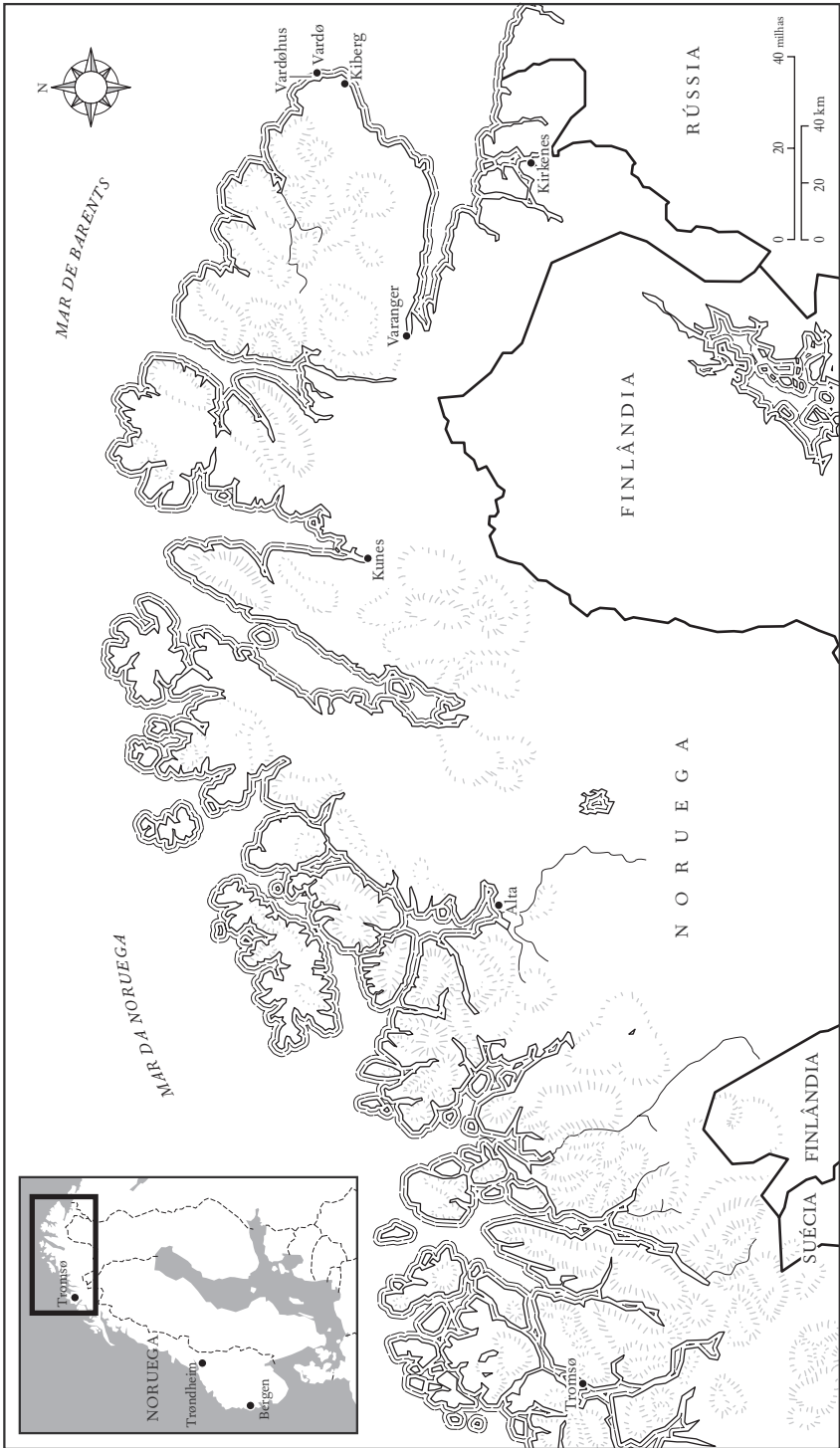
Inspirado na história real
da caça às bruxas em Vardø,
na Noruega, no século XVII.



**DEPOIS DA
TEMPESTADE**

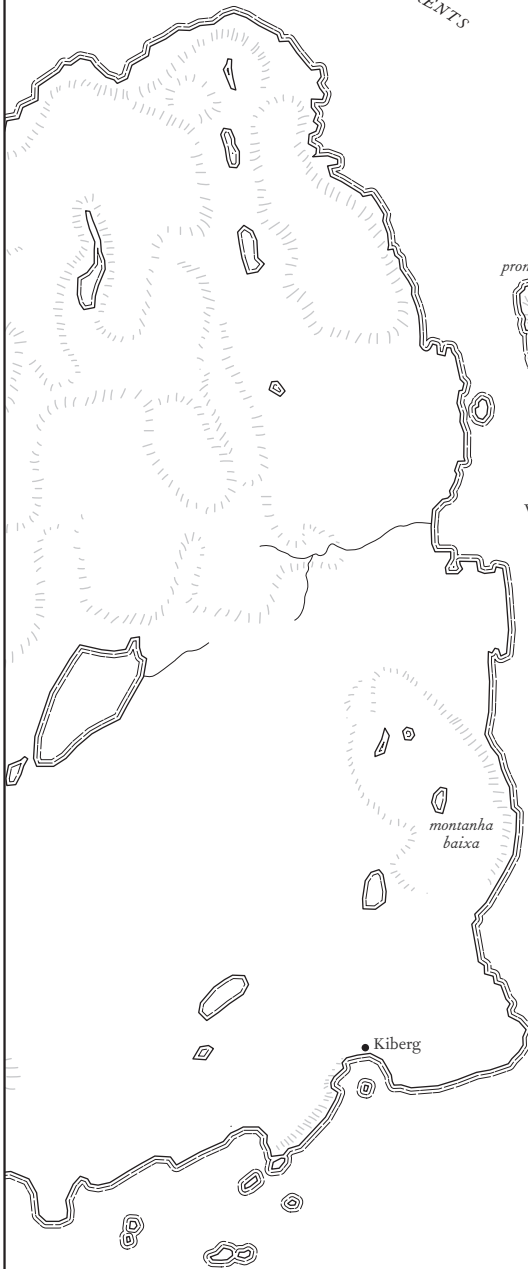
Bestseller imediato do *Sunday Times*

**TOP
SEL
LER**



VARDØ, FINNMARK. 1617

MAR DE BARENTS



promontório

Rochedo de Hornøya

ilha Hornøya

ancoradouro

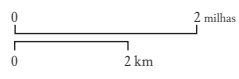
Vardøhus

Vardø

This block contains labels for specific geographical features on the right side of the map. 'promontório' points to a peninsula. 'Rochedo de Hornøya' points to a small rocky island. 'ilha Hornøya' points to a larger island. 'ancoradouro' points to a bay area. 'Vardøhus' and 'Vardø' are marked with dots on the main peninsula.

montanha baixa

Kiberg

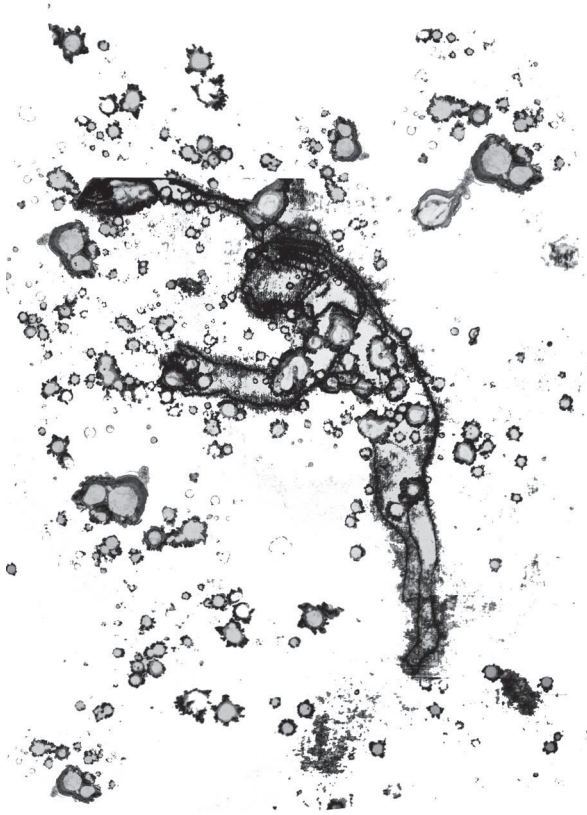


POR ORDEM DO REI

Se algum bruxo, ou homem crente, desprezar Deus,
a Sua Palavra divina e a Cristandade, e se dedicar ao Demónio,
deverá ser lançado à fogueira e queimado.

in decreto n.º 1617 de *Trolddom* (Bruxaria) do Reino
da Dinamarca e Noruega, promulgado em Finnmark, em 1620

Tempestade



*Vardø, Finnmark,
nordeste da Noruega,
1617*

Na noite passada, Maren sonhou que uma baleia tinha ficado presa nas rochas em frente à casa dela. Desceu o penhasco até ao corpo agitado da criatura, olhou-a num olho e pôs os braços sobre a enorme figura fedorenta. Não havia mais nada que pudesse fazer por ela.

Os homens desceram rapidamente o rochedo negro, como insetos escuros e velozes, destemidos, com as suas facas e gadanhas a cintilar. Desataram a desferir golpes, ainda a baleia não estava morta. O animal a remexer-se, e eles, muito sérios, a colarem-se como uma rede à volta de um cardume, os braços de Maren cada vez mais compridos e fortes à volta da criatura — de tal maneira se agarrava a ela —, até já não saber se seria um conforto ou uma ameaça, mas também não se importando com isso, limitando-se a olhá-la no olho, sem pestanejar.

Por fim, o animal ficou imóvel, a respiração a escapar dele, enquanto os homens o golpeavam e esquartejavam. Maren sentiu o odor da gordura da baleia a arder nas lamparinas ainda antes de a criatura parar de se mexer, muito antes de o brilho do seu olho, sob o olhar de Maren, se ter extinguido.

Deixou-se escorregar pelas rochas abaixo, até ao fundo do mar. A noite lá em cima estava negra e sem Lua, as estrelas a marcar

a superfície. Deixou-se afogar e despertou do sonho com um arquejo, sentindo o fumo nas narinas e nas profundezas escuras da garganta. O sabor a gordura queimada ficou-lhe sob a língua, teimando em não desaparecer.

1

A tempestade surge num estalar de dedos. É isso que elas dirão nos meses e anos que se seguirão, quando deixar de ser apenas uma dor atrás dos olhos e um nó dilacerante na base da garganta. Quando, finalmente, se encaixar em histórias. Porém, nem mesmo então se revelará como foi de facto. Há situações em que as palavras fracassam: conferem forma com demasiada facilidade, despreocupadamente. E não houvera qualquer benevolência, ou qualquer facilidade, no que Maren vira.

Nessa tarde, a melhor vela encontra-se estendida como uma manta sobre o colo dela. A mãe e Diinna estão nas outras pontas, os seus dedos, mais pequenos e precisos, a costurar pontos mais pequenos e precisos nos rasgões feitos pelo vento, enquanto ela remenda com tecido os buracos deixados pelas presilhas do mastro.

Junto à lareira, há uma pilha de urze branca a secar, cortada e trazida pelo irmão de Maren, Erik, da montanha baixa, no continente. Amanhã, após o sucedido, a mãe irá dar a Maren três punhados para a sua almofada. Esta irá separá-la e enfiá-la na froinha, com terra e tudo, o odor a mel quase enjoativo ao fim de tantos meses do cheiro bafiento a descanso e a cabelo por lavar. Irá abocanhá-la e gritar até os seus pulmões silvarem com o cheiro adocicado a terra.

Algo a faz erguer a cabeça e olhar pela janela. Um pássaro, um ponto escuro na escuridão, um som? Põe-se de pé para se espreguiçar, para contemplar a baía, cinzenta e plana, e o mar aberto que se estende além dela, as cristas das ondas a cintilarem como pedaços de vidro partido. Os barcos estão por ali espalhados, visíveis graças às pequenas candeias, uma na proa e outra na popa, que mal tremeluzem.

Maren imagina que consegue distinguir o pai e Erik dos outros homens, com a segunda melhor vela deles firmemente presa ao mastro, os solavancos do remar, de costas voltadas para o horizonte, onde o Sol se esconde, longe da vista, há já um mês, e por mais um ainda. Dos seus barcos, os homens conseguem vislumbrar a luz fixa das casas sem cortinados de Vardø, perdidas no seu próprio mar de terra mal iluminada. Já se encontram para lá do rochedo de Hornøya, quase no local onde o cardume fora avistado, no início dessa tarde, despertado por uma baleia.

«Já deve ter seguido caminho», dissera o pai de Maren. A mãe dela tem um pavor imenso de baleias. «Já deve ter comido o seu quinhão quando o Erik conseguir finalmente levar-nos até lá, com aqueles braços que mais parecem duas espinhas de arenque.» Erik limitara-se a baixar a cabeça para receber o beijo da mãe e para que a esposa, Diinna, encostasse o polegar à testa dele, um gesto que os sami, povo lapão, dizem criar uma linha que trará os homens embarcados de volta a casa. Pousara a mão na barriga dela, por instantes, realçando-lhe a protuberância sob a túnica de malha. Diinna afastara-lhe a mão, delicadamente. «Voltarás cedo. Deixa estar.»

Mais tarde, Maren irá desejar ter-se levantado e beijado as faces ásperas dos dois homens. Irá desejar tê-los visto a entrar na água, com os seus fatos de pele de foca, as passadas largas do pai, e Erik a arrastar os pés atrás dele. Irá desejar ter sentido algo em relação à partida deles além da gratidão por poder passar tempo sozinha com a mãe e Diinna, pela companhia descontraída de outras mulheres.

Porque, aos 20 anos, e tendo-lhe sido feita a sua primeira proposta de casamento há três semanas, considerava-se finalmente uma delas. Dag Bjørnsson estava a construir uma casa para os dois, na segunda casa de barcos do pai dele, que estaria pronta antes de o inverno terminar, e eles, casados.

No interior, dissera-lhe ele, ofegante, o sopro quente da respiração arranhada abaixo da orelha dela, haveria uma bela lareira e uma despensa de alimentos à parte, para ele não ter de atravessar a casa de machado em riste, como o pai dela. O brilho malévolo da cunha de ferro, ainda que nas mãos cautelosas do pai, trazia-lhe a bÍlis à boca. O noivo sabia disso e tivera-o em consideração.

Dag era louro como a mãe, com feições delicadas, que Maren sabia que outros homens viam como sinónimo de fraqueza, mas ela não se importava. Não se importava que ele lhe roçasse a boca larga no pescoço, enquanto lhe falava sobre o lençol que ela deveria bordar para a cama que ele construiria para os dois. E, embora não sentisse nada com o afago hesitante dele nas suas costas, demasiado delicado e nobre para significar grande coisa sobre o vestido de inverno azul-escuro, essa casa, que seria dela — essa lareira e essa cama —, provocava-lhe um pulsar surdo no baixo-ventre. À noite, levava as mãos às zonas do corpo onde sentira esse calor, os dedos como pedaços de gelo nas ancas, dormentes o suficiente para não parecerem ser os seus.

Nem mesmo o irmão e Diinna têm casa própria: moram na estreita divisão que o pai e Erik acrescentaram a todo o comprimento da parede traseira da casa deles. A cama do casal ocupa toda a largura da divisão e está encostada à cama de Maren, separadas apenas pela parede divisória. Nas primeiras noites, ela punha os braços sobre a cabeça, inspirando a palha bafienta do seu colchão, mas nunca ouviu um suspiro sequer. Foi uma verdadeira surpresa quando a barriga de Diinna começou a crescer. O bebé nasceria logo após o fim do inverno, e passariam a ser três naquela cama estreita.

Mais tarde, Maren irá pensar: talvez devesse ter tentado avistar Dag também.

Ao invés, foi buscar a vela danificada e estendeu-a sobre os seus joelhos e os das outras duas mulheres, e não voltou a erguer o olhar até o pássaro ou o som ou a mudança no ar a chamar à janela para ver as luzes a dançar no mar escuro.

Os braços de Maren estalam: ela enfia um dedo, calejado da agulha, sob o punho de lã, sentindo os pelos a eriçarem-se e a pele a esticar. Os barcos continuam a remar, firmes sob a luz incerta, as candeias a cintilar.

De súbito, o mar eleva-se, o céu desce e um relâmpago esverdeado trespassa tudo, iluminando o negrume com uma claridade instantânea e terrível. A mãe de Maren corre à janela, impelida pela luz e pelo barulho; o mar e o céu colidem, como uma montanha que se rasga ao meio, e elas sentem-no nas plantas dos pés e na coluna. Os dentes de Maren cravam-se-lhe na língua e desce-lhe sal quente pela garganta.

Depois, talvez estejam as duas a gritar, mas não se ouve mais nada além do mar e do céu. Todas as luzes dos barcos são engolidas, os barcos a piscarem, a rodopiarem, a voarem, a virarem-se, desaparecendo. Maren sai a correr para o vento lá fora, refreada pelas saias subitamente ensopadas, e Diinna chama-a para dentro, segurando a porta para evitar que o fogo da lareira se extinga. A chuva cai-lhe sobre os ombros com um peso imenso, o vendo fustiga-lhe as costas, as mãos fechadas com força, agarradas a nada. Está a gritar tão alto que a garganta irá ficar dorida durante vários dias. À sua volta, outras mães, irmãs e filhas lançam-se ao mau tempo: formas escuras, lustrosas da chuva, desajeitadas como focas.

A tempestade cessa antes de Maren alcançar o ancoradouro, a uns 200 passos de casa, uma boca vazia escancarada para o mar. As nuvens enrolam-se e as ondas descem, repousando nos respectivos horizontes, delicadas, como um bando de aves a pousar.

As mulheres de Vardø reúnem-se no limite côncavo da ilha, e, embora algumas continuem a gritar, apenas o silêncio ecoa

aos ouvidos de Maren. À sua frente, o ancoradouro está completamente liso, como um espelho. Tem o maxilar preso, a língua a escorrer sangue morno pelo queixo abaixo, a agulha espetada na pele, entre o polegar e o indicador, a ferida como um círculo rosado perfeito.

Enquanto observa, um último clarão de um relâmpago ilumina o mar abominavelmente calmo e, do negrume, emergem remos, lemes e um mastro intacto com as velas delicadamente enroladas, como florestas subaquáticas arrancadas pela raiz. Não há sinal dos seus homens.

É véspera de Natal.

2

Da noite para o dia, o mundo fica branco. Neve amontoa-se sobre neve, enchendo os parapeitos das janelas e as entradas das portas. A igreja permanece escura nesse Natal, nesse primeiro dia seguinte, como um buraco entre as casas iluminadas, a devorar luz.

O nevão prolonga-se por mais três dias. Diinna, isolada na sua divisão estreita; Maren, incapaz de se levantar, ou de fazer levantar a mãe. Não comem nada, à exceção de pão velho, que lhes cai como pedras no estômago. Maren sente a comida sólida dentro de si, e o seu corpo parece-lhe irreal. Imagina-se presa à terra somente pelos pães bafientos da mãe. Se não comer, transformar-se-á em fumo, depositada nas caleiras da casa.

Aguenta-se enchendo a barriga até esta lhe começar a doer e posicionando o corpo o máximo possível diante do calor da lareira. O toque, onde quer que seja, fá-la sentir-se real, diz para si mesma. Levanta o cabelo, expondo a nuca suja, abre as mãos para permitir que o calor alcance as zonas entre os dedos, puxa as saias para cima, para que as meias de lã comecem a queimar e a feder. *Aqui, e aqui, e aqui.* Os seios, as costas e, no meio, o coração, enclausurados no vestido de inverno dela, apertados.

No segundo dia, pela primeira vez em anos, a lareira extingue-se. Era sempre o pai que a acendia; elas apenas a mantinham acesa, abafando as brasas à noite e todas as manhãs, partindo a crosta que se formava, para deixar respirar o âmago quente. Em poucas horas, uma camada de geada cobre-lhes as mantas, embora Maren e a mãe estejam a dormir, juntas, na mesma cama. Não falam, não se despem. Maren embrulha-se no velho casaco de pele de foca do pai. Não fora devidamente esfolado, tresandando a gordura podre.

A mãe veste o casaco de Erik, de quando ele era menino. Têm ambas os olhos vidrados, como os de um peixe fumado. Maren tenta fazê-la comer, mas a mãe apenas quer estar deitada na cama; suspira como uma criança. Maren sente-se grata pela brancura que cobre a janela, ocultando o mar.

Esses três dias são um poço no qual se deixa cair. Vê o machado do pai a brilhar na penumbra. A língua torna-se grossa e musgosa, a zona sensível onde a mordeu aquando da tempestade está esponjosa e inchada, com algo rijo ao centro, o que a deixa preocupada. O sabor a sangue dá-lhe mais sede.

Sonha com o pai e com Erik; acorda cheia de frio e a transpirar, as mãos geladas. Sonha com Dag, a boca dele cheia dos pregos destinados à cama deles. Interroga-se se ela e a mãe irão morrer ali, se Diinna estará já morta, com o bebé ainda a mexer-se dentro dela, em movimentos cada vez mais lentos. Interroga-se se Deus lhes aparecerá e lhes dirá para viverem.

Ambas tresandam quando Kirsten Sørensdatter as arranca da cama, na terceira noite, ajudando-as a preparar e a acender a lareira. Quando desimpede o caminho até à divisão de Diinna, esta parece ficar quase furiosa, o brilho baço de um beicinho visível sob a luz da tocha, as mãos pousadas com firmeza nas laterais da barriga proeminente.

— Igreja — diz-lhes Kirsten. — É o sabat.

Até Diinna, que não acredita no Deus delas, não discute.

Somente quando estão reunidos na igreja é que Maren compreende: quase todos os homens morreram.

Toril Knudsdatter acende cada uma das velas, até o espaço ficar tão iluminado que fere os olhos de Maren. Ela conta em silêncio. Em tempos, havia 53 homens; agora já só restam 13: 2 bebês, 3 idosos e os restantes, meninos demasiado pequenos para irem nos barcos. Até o padre se foi.

As mulheres sentam-se nos seus lugares habituais, deixando espaços vazios onde antes se sentavam os respetivos maridos e filhos, mas Kirsten ordena-lhes que se sentem mais à frente. Todas obedecem, exceto Diinna, teimosa como tudo. No total, ocupam três das sete filas da igreja.

— Já houve outros naufrágios antes — diz Kirsten —, e temos sobrevivido quando os homens não voltam.

— Mas nunca desapareceram tantos — replica Gerda Folsdatter. — E nunca o meu marido entre eles. Nunca o teu, Kirsten, ou o da Sigfrid. Nunca o filho da Toril. Todos eles... — Leva as mãos ao pescoço, calando-se subitamente.

— Devíamos rezar, ou cantar — sugere Sigfrid Jonsdatter.

As outras lançam-lhe um olhar carregado de veneno. Há três dias que estão separadas, e a única coisa de que querem falar, de que conseguem falar, é acerca da tempestade.

Todas as mulheres de Vardø estão à procura de sinais. A tempestade foi um. Os corpos, ainda por aparecer, serão entendidos como outro. Porém, agora Gerda fala da andorinha-do-mar solitária que viu a pairar sobre a baleia.

— A voar aos oitos — descreve, com as mãos avermelhadas a desenhar círculos no ar. — Uma, duas, três... seis vezes, contei eu.

— Oito vezes seis não tem grande significado, Gerda — replica Kirsten, num tom desdenhoso. Está junto do púlpito do pastor Gursson, com um oratório esculpido, onde pousou a mão, enorme, o polegar largo a acariciar as formas entalhadas, o único indício do seu nervosismo, ou da sua dor.

O marido é um dos afogados, e todos os seus filhos foram sepultados antes do primeiro fôlego. Maren simpatiza com ela — partilharam frequentemente algumas tarefas —, mas agora vê-a como os outros sempre a viram: uma mulher diferente. Não está posicionada atrás do púlpito, mas é como se estivesse: observa-os a todos com a expressão de um pastor.

— Mas e a baleia? — diz Edne Gunnsdatter, o rosto tão inchado do choro que parece magoado. — Nadou virada ao contrário. Eu vi-lhe a barriga branca a brilhar sob as ondas.

— Estava a alimentar-se — responde-lhe Kirsten.

— Estava a atrair os homens — contrapõe Edne. — Afugentou o cardume para a zona de Hornøya seis vezes, para garantir que o veríamos.

— É verdade — confirma Gerda, assentindo com a cabeça e fazendo o sinal da cruz. — Eu também vi isso.

— Não viste nada — replica Kirsten.

— Vi o sangue que o Mattis cuspiu em cima da mesa há uma semana — diz Gerda. — Nunca o consegui limpar.

— Posso tratar-te disso com uma lixa — responde Kirsten, calmamente.

— Há algo de errado em relação à baleia — observa Toril. A filha dela encontra-se aninhada ao seu lado, tão perto que mais parece ter sido costurada à anca da mãe, com os seus famosos pontos perfeitos. — Se o que a Edne diz é verdade, foi enviada.

— Enviada?! — exclama Sigfrid. Maren vê Kirsten dirigir-lhe um olhar agradecido, convencida de que encontrou uma aliada. — Será possível tal coisa?

Ouve-se um suspiro vindo do fundo da igreja, e todas as cabeças se viram para Diinna, que inclina a sua para trás, os olhos fechados, a pele morena do pescoço com um brilho dourado sob a luz das velas.

— O Diabo age de uma forma obscura — argumenta Toril. A filha encosta o rosto ao ombro dela, gemendo de medo. Maren questiona-se sobre que terrores terá Toril incutido nas duas

crianças que lhe restam, durante aqueles últimos três dias. — Tem poder sobre todos, menos sobre Deus. Poderia ter enviado tal coisa. Ou então pode ter sido invocada.

— Basta! — Kirsten interrompe o silêncio que se seguiu, antes que este se instale a sério. — Isso não ajuda em nada.

Maren quer juntar-se a ela nessa certeza, mas não consegue parar de pensar na forma e no som que a levaram à janela. Julgara tratar-se de um pássaro, mas agora parece-lhe maior e mais desajeitado, com cinco barbatanas e virado ao contrário. Contranatura. É impossível evitar que lhe surja no campo de visão, mesmo sob a luz abençoada da igreja.

A mãe remexe-se, como se despertasse, embora as velas tenham estado refletidas nos seus olhos permanentemente abertos desde que ali se sentaram. Quando a ouve falar, apercebe-se do quanto o silêncio lhe afetou a voz.

— Na noite em que o Erik nasceu, havia um ponto de luz vermelho no céu — conta a mãe.

— Eu lembro-me — responde Kirsten, em surdina.

— Eu também — diz Toril.

E eu, pensa Maren, embora tivesse apenas 2 anos.

— Segui-lhe o trajeto no céu até cair no mar — continua a mãe, os lábios mal se mexendo. — Iluminou toda a água com sangue. Ele foi marcado; estava destinado desde esse dia. — Solta um gemido e cobre o rosto com as mãos. — Nunca deveria tê-lo deixado ir para o mar.

Aquele comentário provoca uma nova onda de lamentos por parte das mulheres. Nem mesmo Kirsten consegue reprimi-los. As velas tremeluzem quando uma corrente de ar frio invade o espaço, e Maren vira-se a tempo de ver Diinna a abandonar a igreja. Põe o braço à volta dos ombros da mãe. As palavras que lhe poderia oferecer de pouco conforto serviriam: «Não havia mais nada para ele a não ser o mar.»

Vardø é uma ilha, com um porto que parece uma dentada arrancada à terra; as outras margens são demasiado elevadas, ou

demasiado rochosas, para se poder lançar as embarcações. Maren conheceu as redes antes de conhecer a dor, conheceu as condições atmosféricas antes de conhecer o amor. No verão, as mãos da mãe ficam salpicadas com as estrelas minúsculas das escamas dos peixes; a carne é pendurada a secar e a salgar, como fraldas de bebé brancas, ou embrulhada em peles de rena e enterrada para apodrecer.

O pai costumava dizer que o mar dava forma à vida deles. Sempre viveram à sua mercê, e há muito que se morria à sua mercê também. Contudo, a tempestade tornou-o um inimigo, e, por momentos, fala-se em abandonar a ilha.

— Tenho família em Alta — diz Gerda. — Há lá terra e trabalho suficientes.

— A tempestade não chegou lá? — pergunta-lhe Sigfrid.

— Em breve saberemos — responde Kirsten. — Calculo que nos enviem notícias de Kiberg; a tempestade também os deve ter atingido.

— A minha irmã far-me-á chegar novidades — diz Edne. — Tem três cavalos, e fica apenas a um dia de viagem.

— Mas a travessia é agreste — comenta Kirsten. — Além de que o mar continua agitado. Temos de lhes dar tempo para conseguirem chegar até nós.

Maren ouve, enquanto falam sobre Varanger, ou, mais longe ainda, Tromsø, como se alguma daquelas mulheres fosse capaz de imaginar a vida numa cidade, tão distante. Há um pequeno desentendimento sobre quem levaria as renas como transporte, pois pertenciam a Mads Petersson, que se afogou juntamente com o marido e os filhos de Toril. Esta parece estar convencida de que esse facto lhe dá direito sobre os animais, mas, quando Kirsten anuncia que ela própria irá cuidar da manada, ninguém discute. Maren nem consegue imaginar-se a acender uma lareira, quanto mais a cuidar de uma manada de criaturas nervosas durante um inverno inteiro. O mais certo é Toril ser da mesma opinião, pois esquece o assunto com a mesma rapidez com que o trouxe à baila.

Por fim, a conversa esmorece e termina. Nada fica decidido, à exceção de que irão aguardar por notícias de Kiberg, e, caso não cheguem até ao final da semana, enviarão um pedido de informação.

— Até lá, é melhor encontrarmo-nos diariamente na igreja — sugere Kirsten. Toril assente fervorosamente com a cabeça, em concordância pela primeira vez. — Temos de olhar umas pelas outras. A neve parece estar a amainar, mas nunca se sabe.

— Estejam atentas a baleias — adverte Toril, a luz incidindo-lhe no rosto de tal maneira que Maren consegue ver-lhe toda a estrutura óssea sob a pele. Tem um ar ominoso. Maren sente vontade de rir, e morde a zona dorida da língua para se conter.

Não se volta a falar em partir. Ao descer a colina em direção a casa, com a mãe agarrada a si com tanta força que lhe faz doer o braço, interroga-se se as outras mulheres também se sentirão assim: presas àquele lugar, agora mais do que nunca. Não obstante a baleia, não obstante os sinais, Maren testemunhou a morte de 40 homens. Agora algo nela está ligado àquela terra, encurralando-a.

3

Nove dias após a tempestade, o ano acabado de começar, os homens são-lhes devolvidos. Quase intactos, quase todos. Dispostos como oferendas na pequena enseada negra, ou levados pela maré até aos rochedos por baixo da casa de Maren. Têm de escalar para os ir buscar, servindo-se das cordas fortes que Erik utilizava para ir apanhar ovos aos ninhos que as aves faziam nas saliências dos penhascos.

Erik e Dag estão entre os primeiros que aparecem, e o pai de Maren, entre os últimos. O pai só tem um braço, e Dag está queimado, uma linha negra desde o ombro esquerdo até ao pé direito, que a mãe de Maren diz ser onde o relâmpago o atingiu.

— Deve ter sido rápido — comenta ela, sem esconder a amargura que sente. — Deve ter sido fácil.

Maren encosta o nariz ao ombro, inspirando o seu próprio odor.

O irmão parece estar a dormir, mas tem a pele coberta da horrível luminosidade esverdeada que ela reconhece de outros cadáveres que deram à costa. Afogado. Não pode ter sido assim tão fácil...

Quando chega a vez de Maren de aceder ao penhasco, resgata o filho de Toril, que ficara entalado, como um pedaço de madeira flutuante, entre as rochas aguçadas. É da idade de Erik. O corpo

dele desloca-se sobre os próprios ossos, como bocados de carne dentro de uma saca. Maren afasta-lhe o cabelo escuro do rosto e retira-lhe uma alga da clavícula. Ela e Edne terão de lhe amarrar a cintura, as costelas e os joelhos para evitar que se desconjunte ao ser içado até à mãe dele. Maren fica aliviada por não conseguir ver o rosto de Toril quando esta recebe o filho. Embora não simpatize propriamente com a mulher, os lamentos dela cravam-se-lhe no peito como pequenas agulhas.

O chão está demasiado duro para se abrirem sepulturas, pelo que fica acordado guardarem os mortos na primeira casa dos barcos do pai de Dag, o frio mantendo-os tão congelados como a terra. Só dali a alguns meses conseguirão partir o chão para sepultar os seus homens.

— Podemos utilizar a vela como mortalha — sugere a mãe de Maren quando Erik é levado para a casa dos barcos.

Olha para a vela remendada, ainda pousada no chão, como se o filho já se encontrasse debaixo dela. Está exatamente no mesmo sítio onde a deixaram há quase duas semanas. Maren e a mãe têm-na evitado, nenhuma delas lhe quer tocar, mas Diinna pega nela, abanando a cabeça.

— Seria um desperdício — comenta.

Maren fica satisfeita, pois não suporta a ideia de enterrar o pai e o irmão com mais coisas referentes ao mar. Diinna dobra a vela com movimentos hábeis, pousando-a sobre a barriga. Na sua determinação, Maren vê um pouco da rapariga que, um verão antes, entre risadas, casara com o seu irmão.

Contudo, Diinna desaparece no dia a seguir a Dag e Erik terem sido resgatados. A mãe de Maren fica em pânico, convencida de que ela partiu para criar o filho junto da família sami dela. Diz coisas desagradáveis, coisas que Maren sabe não serem sentidas, chamando-lhe «lapã», «prostituta», «selvagem», coisas do género das que talvez Toril ou Sigfrid diriam.

— Eu sempre o soube — lamenta-se. — Não devia tê-lo deixado casar com uma lapã. Essa gente não é leal, não é como nós.

Maren limita-se a morder a língua e a coçar as costas. É verdade que a infância de Diinna foi passada a viajar, dormindo sob as estrelas, mesmo durante o inverno. O pai dela é um noaidi, um xamã de boa reputação. Antes de a Igreja ter sido completamente implementada, o vizinho delas, Baar Ragnvalsson, bem como muitos outros homens, recorria a ele para obter amuletos contra o mau tempo. Mais tarde, isso deixara de acontecer, tendo sido implementadas novas regras para banir essas coisas, mas Maren continua a ver, nas soleiras da maioria das casas, as pequenas figuras de osso que, segundo os sami, protegem contra o azar. O pastor Gursson fingiu sempre não reparar, embora Toril e a laia dela o tenham instigado a ser mais duro com tais práticas.

Maren tem a perfeita noção de que fora o amor de Diinna por Erik que a levava a aceitar morar em Vardø, mas não lhe parece que a cunhada partisse daquela maneira — não quando elas já haviam perdido tanta gente. Não com o filho de Erik dentro de si. Não seria cruel ao ponto de levar o que resta de Erik para longe delas.

Nessa semana, recebem notícias de Kiberg. O cunhado de Edne chega com a notícia de que, além das inúmeras embarcações que se encontravam ancoradas no porto, perderam três homens. Quando as mulheres se reúnem na igreja para ouvir a informação, ficam algo inquietas.

— Porque é que não foram pescar? — indaga Sigfrid. — Em Kiberg não avistaram o cardume?

Edne nega com a cabeça.

— E, pelos vistos, nem a baleia.

— Então a criatura foi realmente enviada para nós — sussurra Toril, e o medo dela propaga-se pelos bancos corridos, em ondas de murmúrios.

Aquela conversa é demasiado descontraída para um lugar sagrado, repleta de presságios e de exageros. Contudo, ninguém

consegue resistir à oportunidade de mexericar. As palavras proferidas são como elos onde podem pendurar factos, apertando-se a cada partilha. Parecem não se importar com o que é verdade ou não, numa ânsia por uma justificação, uma ordem para a reestruturação das suas vidas, mesmo que gerada com base numa mentira. Já não está sequer em causa que a baleia tenha nadado de barriga para o ar. Maren tenta resguardar-se do horror crescente que aquela conversa lhe provoca, mas não consegue aguentar-se com a mesma firmeza que Kirsten.

Kirsten mudou-se para a casa de Mads Petersson, para cuidar melhor das renas. Maren observa-a, vendo-a firmemente de pé junto ao púlpito. Praticamente não falaram desde que a mulher a desenterrou da neve, à exceção de uma troca de palavras de pesar quando os respetivos homens foram tirados do mar, apodrecidos. Maren decide falar com ela assim que o encontro na igreja terminar, mas Kirsten já saiu porta fora, caminhando a passos largos em direção à sua nova residência, curvada contra o vento.

Diinna regressa no dia em que encontram o pai de Maren. Quando esta toma conhecimento do seu regresso, soam gritos vindos da casa dos barcos, e ela desata a correr, imaginando todo o tipo de coisas: talvez seja mais uma tempestade, embora veja com os próprios olhos que o céu sem Sol se encontra calmo, ou então um homem encontrado com vida.

Há um amontoado de mulheres junto à porta, com Sigfrid e Toril logo à frente, os seus rostos contorcidos numa expressão de raiva. Diante delas, está Diinna com outro sami: um homem baixo e atarracado que observa as mulheres com distanciamento. Não se trata do pai de Diinna, mas traz um tambor xamanista pendurado à cintura. Seguram um pedaço de pano prateado enrolado. Assim que Maren se aproxima, sentindo-se tonta de tanto correr, vê que se trata de casca de bétula.

— O que se passa? — pergunta a Diinna.

— Ela quer enterrá-los envoltos naquilo — responde-lhe Toril, a voz a soar quase histérica. Tem o queixo salpicado de saliva. — Como manda a tradição deles.

— Não faz sentido utilizarmos tecido; não para tanta gente — replica Diinna. — Isto é...

— Eu não quero nada disso! Não nos meus meninos. — Toril está a arfar mais do que Maren, fitando o tambor como se de uma arma se tratasse. Sigfrid Jonsdatter acena com a cabeça, em jeito de concordância, e Toril continua: — Nem no meu marido. É um homem temente a Deus, e não vos quero perto dele.

— Não me recordo de a minha ajuda te ter deixado incomodada quando quiseste ter outro filho — comenta Diinna.

Toril leva a mão ao ventre, embora os seus filhos já tenham nascido há muito.

— Não fiz tal coisa!

— Toda a gente sabe que o fizeste, Toril — confirma Maren, incapaz de permanecer calada perante uma mentira. — E tu também, Sigfrid. Muitas de vocês a procuraram, ou ao pai dela.

Toril semicerra os olhos.

— Jamais recorreria a um bruxo lapão!

Ouve-se um sibilo coletivo. Maren avança um passo, mas Diinna estende o braço para a deter.

— Devia fazer-te um buraco na língua, Toril. Talvez assim uma parte desse teu veneno saísse. — É a vez de Toril se encolher perante as palavras de Diinna. — Além de que não é bruxaria, e também não é para eles. — Diinna vira-se para Maren. Está bonita sob a luz azulada, as feições do rosto bem demarcadas, os olhos de pestanas abundantes. — É para o Erik.

— E para o meu pai. — A voz de Maren falha-lhe. Não suporta a ideia de os separar. E o pai adorava Diinna; tinha orgulho na união entre o filho e a filha de um noaidi.

— Ele já apareceu? — pergunta-lhe Diinna. Maren assente com a cabeça, e Diinna aperta-lhe o ombro. — E para *Herr* Magnusson, claro. Iremos velá-los. E para quem mais quiser.

— E a tua mãe vai aceitar uma coisa destas? — atira Toril a Maren, que, de tão cansada, se limita a acenar afirmativamente, a cabeça a pesar-lhe no pescoço.

Por fim, fica decidido que quem quiser os ritos sami para os seus homens mudá-los-á para a segunda casa dos barcos, a que estava destinada a ser o lar de Maren. Apenas dois homens são levados para junto de Erik e do pai dela: o desgraçado do Mads Petersson, que não tem família que fale por ele, e Baar Ragnvalsson, que costumava ir inúmeras vezes à montanha baixa e usava vestes típicas do povo sami.

A segunda casa dos barcos teria dado um belo lar. Só a parte da frente do barracão é tão grande como o quarto de Diinna e Erik, e a área principal não fica atrás da casa do pai de Dag, a maior da aldeia. A cama está disposta em tábuas, a postos para que as cautelosas mãos de Dag começassem a juntá-las.

Levam essa madeira para a lareira e deitam o pai de Maren e Erik no chão. Maren teve de deixar Dag na primeira casa dos barcos: a mãe dele, *Fru Olufsdatter*, não lhe dirigiu uma única palavra e recusa-se a olhá-la nos olhos.

Maren arranca uma mecha congelada do cabelo escuro de Erik e guarda-a cuidadosamente no bolso. Deixando Diinna e o noaidi na divisão silenciosa, passa novamente pela primeira casa dos barcos. Constata que uma das mulheres pregou uma cruz por cima da porta, que mais parece uma forma de afugentar quem está cá fora do que de proteger quem está lá dentro.

Quando chega a casa, a mãe está a dormir, com o braço por cima dos olhos, como se estivesse a encolher-se, com medo de um pesadelo.

— Mãe? — Maren quer contar-lhe acerca do noaidi e da segunda casa dos barcos. — A Diinna voltou.

Não obtém resposta. A mãe mal parece respirar, e Maren resiste à vontade de encostar a face à boca dela para detetar sinais de vida. Retira a mecha de cabelo do bolso e segura-a diante da lareira. Esta enrola-se, readquirindo a forma dos bonitos caracóis

de Erik. Faz um corte na almofada e guarda-a no interior, juntamente com a urze.

Todos os dias, depois da igreja, Maren regressa à segunda casa dos barcos, embora não consiga lá dormir, como fazem Diinna e o homem do tambor. Ele não fala norueguês e recusa-se a oferecer uma versão simplificada do seu nome, pelo que Maren lhe chama Varr, o vigilante, pois é ao que lhe soa o início do que ele diz ser o seu nome, antes de ela deixar escapar o resto, na sua língua desajeitada.

Quando vai visitar o pai e Erik, fica à espera na rua, a ouvir Varr e Diinna a conversarem na língua deles. Eles calam-se sempre assim que Maren leva a mão à porta, fazendo-a sentir que interrompeu algo indecente ou profundamente privado. Como se tivesse partido alguma coisa, desastrada, pelo simples facto de estar ali.

Maren fala com Diinna em norueguês, e esta traduz para Varr, em frases sempre mais curtas, como se eles tivessem palavras melhores e mais exatas para o que Maren está a tentar dizer. Como será ter duas línguas na cabeça, na boca? Ter de guardar uma delas, como um segredo obscuro, no fundo da garganta? Diinna viveu sempre entre Vardø e outro lugar. Desde criança que Maren a via aparecer de vez em quando, atrás do pai silencioso, que vinha remendar redes ou tecer encantamentos.

— Nós já morámos aqui — dissera-lhe Diinna, numa ocasião, quando Maren ainda tinha um certo receio dela: uma rapariga que usava calças e um casaco debruado a pelo de urso que ela mesma esfolara e depois costurara.

— Esta terra é tua? — perguntara-lhe Maren.

— Não. Apenas morámos aqui. — respondera a rapariga, num tom tão firme quanto o seu olhar.

Às vezes, Maren ouve o tambor, um som constante como o batimento cardíaco. Nessas noites, dorme melhor, embora haja

um imenso burburinho em relação a isso, da parte das mais devotas frequentadoras da igreja. Diinna explicara-lhe que o tambor desimpedirá o caminho para que o espírito daqueles homens emerja eficazmente dos corpos, sem medo. Porém, Varr nunca o toca na presença de Maren. O instrumento é largo como uma tina, a pele muito esticada sobre uma tigela oca, de madeira clara. Pequenos desenhos pontuam a sua superfície: uma rena com o Sol e a Lua presos nos chifres; ao centro, homens e mulheres de mãos dadas, como uma corrente de bonecos de papel; na base, uma série de seres assombrosos, meio homens, meio monstros, a contorcerem-se.

— Aquilo ali é o Inferno? — pergunta a Diinna. — E aquilo é o Céu, e nós estamos no meio?

Diinna não traduz para Varr.

— Está tudo aqui.

4

A medida que o inverno afrouxa as suas garras sobre Vardø, as despensas delas já praticamente vazias, o Sol vai-se elevando para mais perto do horizonte. Quando o filho de Diinna e Erik nascer, haverá dias inundados de luz.

Maren sente um ritmo inquieto tomar conta de Vardø, o tempo dela a ganhar forma: igreja, casa dos barcos, tarefas domésticas, dormir. Embora os limites comecem a definir-se mais profundamente entre Kirsten e Toril, e entre Diinna e as outras mulheres, trabalham em conjunto, como homens a remar para o mesmo lado. É uma proximidade motivada pela necessidade: agora, mais do que nunca, precisam umas das outras, em especial porque a comida começa a escassear.

Recebem alguns cereais de Alta, um pouco de bacalhau seco de Kiberg. Às vezes, marinheiros param no porto, desembarcando com peles de foca e óleo de baleia. Kirsten não se acanha a falar com eles e consegue fazer bons negócios, embora tenha poucos artigos para a troca. É por demais evidente que, quando chegar a altura de semear os campos, nenhuma ajuda virá.

Maren aproveita as horas livres dos seus dias para passear no promontório, onde ela e Erik costumavam brincar quando eram crianças, os enfezados pedaços de urze a regenerarem-se após um

inverno privado de sol. Em breve, estarão bem altas, e o ar ficará tão adocicado com o seu perfume que até lhe fará doer os dentes.

À noite, a dor é mais difícil de suportar. Na primeira vez que pega numa agulha, os pelos no braço eriçam-se, e ela larga-a como se se tivesse queimado. Todos os seus sonhos são obscuros e repletos de água. Vê Erik preso dentro de frascos rolhados e o buraco de onde fora arrancado o braço do pai, profundo e polido pelo mar, o osso absolutamente branco. A baleia surge com frequência, o casco escuro do corpo da criatura a irromper pela mente de Maren adentro, sem deixar nada de bom, nada vivo à sua passagem. Às vezes, engole-a inteira; outras vezes, está encailhada, e Maren deita-se ao seu lado, olhando-a num dos olhos, as narinas inundadas com o seu fedor.

Maren sabe que a mãe também tem pesadelos, mas duvida que acorde com sal na língua, com o mar a mosquear-lhe o hálito. Às vezes, interroga-se se será responsável pela situação em que se encontram, por tanto ter ansiado por tempo a sós com Diinna e com a mãe. Embora Kiberg seja perto, e Alta também não fique muito longe, não veio nenhum homem morar para Vardø. Maren queria passar mais tempo com as mulheres, e agora todos os seus dias se resumem a isso.

Começa a imaginar que Vardø permanecerá assim para sempre: um lugar sem homens, e, ainda assim, a sobreviver. O frio começa a amainar; os cadáveres, por sua vez, começam a amolecer. Assim que a descongelação terminar, enterrarão os seus mortos, e talvez alguns desentendimentos possam ser enterrados com eles.

Maren anseia pela sensação da terra sob as unhas, do peso de uma pá nas mãos, de Erik e o pai finalmente em paz, cuidadosamente envoltos nas suas mortalhas de bétula prateada. Todos os dias, inspeciona a zona da horta em frente à casa, raspando com as unhas no solo.

*

Quatro meses após a tempestade, no dia em que a mão de Maren entra facilmente na terra, ela corre até à igreja para informar que podem finalmente começar a cavar. Contudo, as palavras ficaram-lhe presas na garganta: há um homem no púlpito.

— É o pastor Nils Kurtsson — explica-lhe Toril, num tom de reverência. — Foi enviado de Varanger. Louvado seja Deus! Afinal de contas não fomos esquecidas.

O padre dirige os olhos claros a Maren. Parece tão débil quanto um rapaz.

Expulsa do seu lugar habitual, Kirsten senta-se ao lado da mãe de Maren, e, quase no final da missa, inclina-se para sussurrar algo ao ouvido de Maren:

— Só espero que os sermões não sejam tão fracos quanto o queixo dele.

Mas são-no, e Maren deduz que ele deve ter feito algo terrível para ter sido destacado para Vardø. O pastor Kurtsson é um homem frágil, claramente pouco habituado à vida junto ao mar. Não oferece quaisquer palavras de conforto pelas provações delas e parece algo receoso das mulheres que, todos os sabats, enchem a sua igreja. Assim que profere o último «amém», corre para a sua residência, mesmo ao lado.

Com a igreja recentemente santificada, as mulheres passam a encontrar-se todas as quartas-feiras na casa do pai de Dag, com *Fru* Olufsdatter reduzida a um sussurro nas divisões da sua casa demasiado grande. Os mexericos continuam, mas as mulheres mostram-se mais cautelosas. Tal como Toril dissera, não foram esquecidas, e Maren tem a certeza de que não é a única preocupada com o que isso possa significar.

Na semana da sua chegada, o padre escreve a dez homens de Kiberg, entre eles, o cunhado de Edne, e Maren sente uma inveja inesperada quando eles chegam para enterrar os mortos. Demoram dois dias a escavar as sepulturas, e, com as noites agora mais curtas, trabalham até bastante tarde. Fazem imenso barulho e riem-se demasiado para o serviço que estão a fazer. Dormem na

igreja, e ficam a mirar as mulheres que por eles passam, apoiados nas pás. Maren mantém a cabeça baixa, mas não deixa de passar pelo local de hora em hora para observar os progressos.

As sepulturas ficam na zona noroeste da ilha, buraco negro após buraco negro, tantos que deixam a cabeça de Maren a andar à roda. A terra amontoa-se ao lado, e, observando de uma distância segura, ela imagina sentir a dor nos braços, o sabor acre da terra, semelhante a uma moeda, a transpiração a brotar-lhe de todos os poros. Não lhe parece correto, depois de tudo o que as mulheres testemunharam, depois de terem trazido os seus homens dos rochedos e os terem velado durante todo o inverno, agora ver outros a escavarem as sepulturas deles. Calcula que Kirsten iria concordar consigo, mas não quer levantar problemas. Quer o pai e o irmão na terra, o inverno terminado e os homens de Kiberg longe dali.

Na manhã do terceiro dia, os mortos são trazidos da primeira casa dos barcos, já a emanar algum odor, os estômagos inchados sob as mortalhas de tecido costuradas por Toril. São dispostos ao lado das sepulturas abertas, um branco forte contra a terra acabada de remexer.

— Não há caixões? — pergunta um dos homens, dando um puxão na mortalha.

— São 40 mortos — responde-lhe outro. — É muita mão de obra para uma aldeia cheia de mulheres.

— Uma mortalha dá mais trabalho a fazer do que um caixão — replica friamente Kirsten. As faces de Toril ficam ruborizadas de surpresa. — E agradeço-lhe que não toque no meu marido.

Kirsten senta-se no rebordo da sepultura, e, antes de Maren perceber o que está ela a fazer, já a mulher desceu e só lhe veem a cabeça e os ombros, os braços estendidos para cima.

Os homens partilham murmúrios mudos entre si, pelo que Kirsten pega no marido sozinha, desaparecendo de vista quando o pousa no chão. Voltam a vê-la quando se ergue, vislumbrando-lhe a perna envolta numa meia, ao emergir da sepultura.

Toril estala a língua, em jeito de censura, e vira costas. Um dos homens ri-se, mas Kirsten limita-se a tirar uma mão-cheia de terra do amontoado e a lançá-la para cima do marido. Depois, passa por Maren, que lhe vê as faces lavadas em lágrimas. Maren devia ir ter com ela, dizer-lhe algo, mas sente a língua tão inútil como um seixo.

— Afinal ela amava-o — ouve a mãe a murmurar, e faz por conter uma resposta.

Qualquer palerma perceberia que Kirsten amava o marido. Maren vira-os muitas vezes, a caminhar juntos, a rir como amigos. Ele levava-a para os campos e, às vezes, para o mar. Se ela tivesse ido com ele no dia da tempestade, as mulheres de Vardø estariam agora ainda mais desamparadas.

O pastor Kurtsson avança para benzer a sepultura. Tem o maxilar tenso. Maren calcula que se sinta embaraçado pelo facto de Kirsten ter demonstrado audácia diante daqueles homens.

— Que a misericórdia de Deus esteja convosco — entoa ele, numa voz trémula, pouco dizendo sobre um homem que nunca conheceu.

— A Kirsten não devia ter feito aquilo — comenta Diinna, surgindo ao lado de Maren, a observar o pastor, de mãos pousadas no ventre.

O bebé está para nascer a qualquer momento, e um sentimento de tristeza apodera-se da garganta de Maren: o irmão coberto de terra antes de o próprio filho sequer respirar. Sente uma vontade imensa de tocar em Diinna, de sentir o calor da barriga dela e o bebé no interior, mas nem mesmo a Diinna de antes teria tolerado tal coisa. Aquela nova Diinna é dura como pedra, e Maren nem se atreve a pedir-lhe para o fazer.

Nenhuma outra mulher participa diretamente no enterro dos seus familiares. Os homens trabalham metodicamente: dois passam um corpo para outros dois, que estão dentro da cova. As famílias aproximam-se para lançar a terra, o pastor Kurtsson benze a sepultura, que, de seguida, é enchida. Ninguém chora

ou tomba de joelhos. As mulheres estão cansadas, dormentes, de rastos. Toril reza incessantemente, as suas palavras a elevarem-se e a baixarem ao vento.

O ciclo repete-se, até chegar a altura de esvaziar a segunda casa dos barcos. O pastor Kurtsson arqueia uma sobranceira, ao ver as mortallas de bétula prateada. A mãe de Maren mexe na do marido, desviando o olhar do padre para a filha.

— Talvez devêssemos pedir à Toril...

— Já não tenho mais tecido — interrompe-a Toril.

— Tenho uma vela...

— Também já não tenho linha — replica Toril, dando meia-volta e regressando a casa, arrastando consigo o filho e a filha.

Sigfrid segue-a, bem como Gerda. Maren está convencida de que ficará apenas com Diinna e a mãe a enterrar os seus mortos, mas as restantes mulheres ficam a assistir, enquanto Mads, seguido do pai dela, depois Erik e, por fim, Baar são descidos e tapados.

Nessa noite, após os homens de Kiberg terem partido, Maren dirige-se às sepulturas com a mecha de cabelo de Erik no bolso, com o intuito de a enterrar juntamente com ele. Concluiu que se trata de uma lembrança macabra, que talvez lhe esteja a envenenar os sonhos, deixando entrar o mar. As noites já não estão tão escuras, e, nessa luz, as sepulturas parecem-lhe um pequeno grupo de baleias no horizonte, corcundas e ameaçadoras. Não é capaz de se aproximar.

Sabe que são sagradas, abençoadas por um homem de Deus, a guardar os restos mortais dos seus homens. Porém, ali, com o vento a soprar nos canais abertos da ilha, e as casas iluminadas por trás de si, caminhar na direção das campas parece-lhe tão mal-afortunado como dar um passo em falso num penhasco. Imagina-as a erguerem-se bruscamente, embatendo umas nas outras, e o mundo parece oscilar sob os seus pés. Na sua confusão, abre ligeiramente a mão que segura a mecha de cabelo de Erik. O vento arranca-lha dos dedos fracos e leva-a.

*

Mais tarde, nessa mesma noite, o som da porta desperta Maren. A mãe está enroscada nas mantas, como um caracol dentro da casca, a respirar-lhe para a cara. Insistiu para que continuassem a partilhar a cama, embora Maren durma pior assim.

Senta-se na cama, o corpo a vibrar de nervosismo, enquanto ouve a porta a fechar. Não vê ninguém; apenas sente uma presença. Ouve um grunhido, uma sucessão rápida de arquejos quase animais, como uma boca cheia de terra a sufocar.

— Erik?

Interroga-se se o terá chamado a si, se o terá invocado com os seus sonhos e orações, e assusta-se ao ponto de se levantar e galgar por cima da mãe, em direção ao machado do pai. Então ouve o choro baixo de Diinna, uma pontada de dor que deixa a mulher de joelhos, e vislumbra a figura dela na escuridão. Um espírito não abriria a porta, repreende-se a si mesma, e um machado de nada serviria contra ele.

— Vou chamar a *Fru* Olufsdatter.

— Ela não! — exclama Diinna, numa jorrada de ar. — Tu.

Maren conduz a cunhada até ao tapete diante da lareira. A mãe acordou e vai acender o lume, a luz espalhando-se pelo chão. Depois traz mantas, aquece água e vai buscar uma fita de couro para Diinna morder, emitindo uns sons tranquilizadores.

A fita não é necessária — Diinna não faz grande barulho além de arfar. Parece um cão que levou um pontapé: geme e morde o lábio. Maren posiciona-se ao lado da cabeça dela, e a mãe despe-lhe a roupa interior. Está ensopada, suada, e toda a sala cheira à transpiração de Diinna. Maren passa-lhe um pano na testa, tentando não olhar fixamente para o monte escuro entre as pernas da cunhada, as mãos da mãe, húmidas e habilidosas. Nunca viu nascer uma criança, somente animais, e, muitas vezes, estes não sobreviviam. Tenta afastar da mente imagens de línguas dependuradas de maxilares frouxos.

— Já está quase — informa a mãe. — Porque é que não nos chamaste antes?

Diinna quase não consegue falar com tanta dor, mas sussurra:
— Bati na parede.

Maren limpa-a e murmura-lhe ao ouvido, desfrutando da proximidade que o sofrimento de Diinna lhes proporciona, como nos velhos tempos. Pouco depois, a luz que entra através da renda fina dos cortinados na janela junta-se à do fogo, e banha-as com uma neblina branca, brilhante. Maren sente-se envolta em névoa marítima. Diinna agarra-se a ela, como se esta fosse uma âncora a segurá-la com firmeza contra as ondas de dor. Maren encosta os lábios à testa dela, sentindo o sabor a sal.

Quando chega finalmente o momento de fazer força, Diinna esbraceja como um peixe em terra, corcoveando o corpo na direção do chão.

— Segura-a — pede a mãe a Maren, que tenta, apesar de nunca ter tido mais força do que Diinna, nem espera tê-la agora.

Senta-se atrás dela, para que a cunhada se possa encostar, e sussurra-lhe junto ao pescoço. As suas lágrimas misturam-se com as de Diinna quando esta se contorce novamente. Por fim, um grito, ao mesmo tempo que um gemido ecoa de entre as pernas dela.

— É um menino! — A voz da mãe de Maren soa carregada de alegria, misturada com tristeza. — Um menino. Tal como eu rezei para que fosse.

Diinna recosta-se, exausta, e Maren ajuda-a a deitar-se no chão. Ampara-a e beija-a nas faces, ouvindo o bebé a chorar, o som de metal quando a mãe pega numa faca para cortar o cordão umbilical, limpando, de seguida, o sangue do recém-nascido com um pano. Diinna agarra-se a Maren com força, chorando ainda mais, ambas a tremer, de corpo húmido, até a mãe afastar a filha com o cotovelo, pousando o bebé no peito de Diinna.

É minúsculo, enrugado e está coberto de *Vernix caseosa*. As pestanas escuras contrastam com as faces brancas. Maren lembra-se da

imagem de um pássaro bebé que, numa ocasião, encontrou caído do ninho, sobre o telhado de musgo, com uma pele tão translúcida que lhe conseguia ver o olho sob a pálpebra fechada, o batimento cardíaco a fazer-lhe vibrar todo o corpo. Assim que lhe tocou, para o pôr de volta no ninho, o pássaro parou de se mexer.

O choro do bebé ergue-lhe os ombros minúsculos, a boca pequena funciona. Diinna baixa a camisa de dormir e leva o mamilo escuro à boca dele, revelando uma cicatriz numa clavícula, uma queimadura que Maren recorda ter sido provocada por uma panela de água a ferver, embora não se lembre de quem a atirou. Sente vontade de a beijar nesse sítio, de acariciar a cicatriz.

A mãe acaba de limpar Diinna. Está a chorar. Deita-se do outro lado dela, pousando a mão sobre a da nora, ambas nas costas do bebé. Maren hesita por um instante e depois pousa a sua também. Ele está incrivelmente quente e cheira a pão fresco, a panos lavados. Sente um aperto no peito, uma saudade imensa.

3 de junho de 1618

Estimado Sr. Cornet,

Escrevo-lhe por dois motivos.

Primeiro, para lhe agradecer a sua generosa carta datada de 12 de janeiro do corrente ano. Estou-lhe muito grato pelas suas palavras de felicitação. A minha nomeação como lensmann¹ de Finnmark é uma grande honra e, tal como salientou, uma oportunidade para servir o nosso Senhor Deus nesse lugar conturbado. O hálito fétido do Diabo tresanda por lá, e há muito trabalho a fazer. O rei Cristiano IV está a trabalhar para consolidar a posição da Igreja, mas as leis da bruxaria foram passadas somente há um ano e, embora se baseiem no livro Daemonologie, são pouco consistentes quando comparadas com o que o nosso rei Jaime alcançou na Escócia e nas Ilhas Ocidentais. Ainda nem sequer foram implementadas no meu domínio. Obviamente, assim que assumir o meu cargo, no próximo ano, irei retificar essa situação.

O que me traz ao segundo motivo. Como sabe, sou um grande admirador da sua conduta no julgamento de Kirkwall, em 1616, da

¹ Governador. [N. T.]

bruxa Elspeth Reoch, do qual tivemos conhecimento mesmo aqui tão longe. Como lhe escrevi na altura, embora o elogio do público se tenha focado no arrogante Coltart, sei o quanto o apoiou e que foi a sua rápida ação que tomou conta do incidente numa fase ainda inicial. É precisamente dessa celeridade que Finnmark necessita: homens que consigam seguir os ensinamentos do Daemonologie de modo a «identificar, provar e executar quem pratica maleficium²».

Escrevo, portanto, para lhe oferecer um lugar ao meu lado, por forma a banirmos estes males específicos. Muitos dos problemas têm origem num segmento da população local, endêmico, aqui em Finnmark: uma comunidade conhecida comumente como lapões. São uma espécie de ciganos, mas as suas práticas mágicas lidam com o vento e outros fatores atmosféricos. Como referido anteriormente, a legislação contra a bruxaria está estabelecida, mas debilmente aplicada.

Sendo o senhor um homem das Órcades, não preciso de lhe referir as peculiaridades do clima ou das estações do ano num lugar como este. Aviso-o, porém, de que a situação é grave. Desde a tempestade de 1617 (há de se recordar, pois apareceu inclusivamente nos jornais de Edimburgo; eu próprio estava no mar, na altura, e foi sentida tão longe como Spitsbergen e Tromsø) que as mulheres ficaram entregues a si mesmas. A população bárbara dos lapões mistura-se livremente com os brancos. As suas práticas de magia constituem uma grande parte daquilo que precisamos de combater. A bruxaria climatérica deles é, inclusivamente, procurada pelos marinheiros. Contudo, acredito que, com a sua ajuda e um pequeno grupo de homens capazes e tementes a Deus, conseguiremos derrotar as trevas, até na escuridão constante do inverno. Até mesmo aqui, na periferia da civilização, as almas devem ser salvas.

Seria, obviamente, remunerado pelos seus serviços. A minha ideia é instalá-lo numa grande residência em Vardø, perto do castelo onde eu terei assento. Ao fim de cinco anos aqui, escrever-lhe-ei uma carta de recomendação digna de qualquer diligência que se propuser iniciar.

² Ato de bruxaria realizado com a intenção de causar danos, ferimentos e/ou morte. [N. T.]

Peço-lhe que guarde esta proposta para si: não tenho qualquer dúvida de que interessaria ao Coltart, mas ele não é o tipo de homem de que necessito.

Pense nisso, Sr. Cornet. Ficarei a aguardar a sua resposta.

*John Cunningham (Hans Kønig)
lensmann do condado de Vardøhus*

UMA TEMPESTADE MORTAL. UMA POVOAÇÃO SEM HOMENS. UMA IMPLACÁVEL CAÇA ÀS BRUXAS.

Na véspera de Natal de 1617, Maren encontra-se junto à costa da remota ilha de Vardø, na Noruega, quando vê uma tempestade repentina e destruidora formar-se no mar. Quarenta pescadores, incluindo o irmão e o pai, morrem afogados. Dias mais tarde, o mar devolve os seus corpos. Com a população masculina dizimada, as mulheres de Vardø dedicam-se a trabalhar para subsistir por si próprias.

Dezoito meses depois, o escocês Absalom Cornet é convocado para assumir o controlo da ilha e livrá-la de supostas práticas de bruxaria. Esta figura sinistra traz consigo a mulher, Ursula, uma jovem norueguesa que se sente tão orgulhosa quanto aterrorizada pela autoridade do marido. Em Vardø, Ursula encontra algo que nunca havia visto antes: mulheres independentes. Absalom, porém, vê apenas um lugar enfeitado e intocado por Deus.

Maren e Ursula criam uma ligação que se vai estreitando cada vez mais, mas, à medida que o domínio férreo de Absalom aumenta, a ilha começa a sufocá-las. E a própria existência de Vardø é ameaçada, pois Absalom está determinado a erradicar o mal daquele lugar a qualquer custo...

«Um tema intemporal e oportuno, belissimamente escrito, que nos lembra dos perigos de sermos varridos num turbilhão de demagogia. Uma história com protagonistas femininas poderosas, tão adequadas à sua época histórica quanto aos dias de hoje.»

The New York Times

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-999-5  9 789896 689995 Thriller
--	--